

## Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá

Word classes, types of predicates and its relation with split intransitivity in Guaja

*Marina Maria Silva Magalhães\**, *Ana Cristina Rodrigues de Mattos\**

*\* Universidade de Brasília (UnB)*

---

**Resumo:** Neste trabalho defendemos, por meio de metodologia e referencial teórico funcional tipológico, o caráter cindido da intransitividade verbal na língua Guajá e discutimos se é válida a proposta de se estender a interpretação da cisão da intransitividade aos predicados como um todo, incluindo aqueles que têm como núcleo nomes. Para isso, esclarecemos primeiramente a diferença entre as classes lexicais nomes e verbos e apresentamos os diferentes tipos de predicados do Guajá, sua marcação de pessoa e o *status* formal dos seus participantes. Ao se comparar as estruturas argumentais nominais e verbais (e posposicionais) explorando as suas semelhanças, enfatizamos o paralelismo que estas classes exibem de acordo com a presença ou não de um marcador de pessoa referente a um argumento interno, sem deixar de explicitar as diferenças morfossintáticas que distinguem nomes de verbos na língua. Tais esclarecimentos subsidiam a proposta de que o Guajá ilustra um tipo de intransitividade cindida ainda não descrito em estudos anteriores: uma cisão ativa/não-ativa que se correlaciona com a distinção inergativo/inacusativo.

**Palavras-chave:** Línguas indígenas. Família Tupí-Guaraní. Guajá. Intransitividade cindida.

---

**Abstract:** This article, based on the typological-functionalist methodology and approach, aims to support the split intransitive character of the monovalent verbs in Guajá, also discussing the validity of interpreting the split in a wider scope, to the levels of all predicates, including the ones with nominal core. In order to achieve our goal, we will start presenting the differences between lexical categories noun and verb, then describing the different types of predicates in Guaja, the person marking rules and the formal status of all participants. When comparing nominal and verbal (and post-positional) argument structure, exploring its similarities, we emphasize the parallelism shown by these classes in regard to the presence or absence of a person marker referring to an internal argument. We will also explain the morphosyntactic differences between nouns and verbs in the language. Our intent is to shed some light to the issue and to propose that Guajá intransitive verbs exhibit a type of split not yet described in previous studies: an active/inactive split related to the unergative and unaccusative distinction.

**Keywords:** Indigenous languages. Tupi-Guarani Family. Guaja. Split intransitivity.

---

## Introdução

No Guajá, uma língua do subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní, falada por cerca de 420 indivíduos que habitam quatro aldeias no noroeste do Maranhão, há diferentes tipos de predicados que se distinguem uns dos outros quanto à classe de palavra que ocorre como núcleo (verbo ou nome) e, ainda, quanto às suas características morfossintáticas (ocorrência com diferentes paradigmas de marcação de pessoa).

Neste trabalho apresentamos as classes de palavras e os tipos de predicados do Guajá (família Tupí-Guaraní) para embasar a análise da língua como apresentando um sistema de intransitividade cindida que se correlaciona com a distinção inergativo/inacusativo.

Os fatos aqui apresentados buscam contribuir para o estudo dos fenômenos transcategoriais, bem como para o entendimento das estruturas argumentais nominais e verbais de uma língua da família Tupí-Guaraní, que pode auxiliar na compreensão de fenômenos existentes em outras línguas dessa família.

## 1 Classes de palavras: nomes x verbos

Diversos trabalhos sobre a família Tupí-Guaraní descrevem um fenômeno já amplamente difundido e caracterizador das línguas dessa família de que tanto o “nome” quanto o “verbo” podem funcionar como predicado ou argumento.

Nessas línguas, o uso do critério sintático, em que a função básica do nome é a de ser argumento e a do verbo é a de ser predicado, é insuficiente para tratá-los como duas classes lexicais distintas (Rodrigues, 1996).

Em Guajá, verifica-se o mesmo fenômeno gramatical: nomes e verbos podem exercer a função sintática de predicado, ou seja, têm função predicativa primária sem cópula ou qualquer outro recurso morfossintático, não se podendo associar apenas ao verbo uma vocação predicativa.

Observa-se, assim, o mesmo comportamento morfossintático entre nomes (ex. 1) e verbos (ex. 2) quando estes instituem a função de predicado: a função predicativa não é



- (3) **ha = r-a'yr-a**                      Ø-kere  
 1.II = R-filho-N                      3.I-dormir  
 'meu filho dormiu'
- (4) majhu-a                      **arapaha-Ø**                      Ø-mukũ  
 jiboia-N                      veado-N                      3.I-engolir  
 'a jiboia engoliu o veado'
- (5) Ø-u                      ramõ    te                      Majhuxa'a                      **ka'a**    r-ia                      a'ia  
 3.I-vir                      IMED    REAL    N.PR.                      mata    R-ABL                      ele  
 'Majhuxa'a tinha acabado de vir da mata'

Os verbos, por sua vez, caracterizam-se por exercer função argumentativa secundária, isto é, quando em função de argumento têm de ser derivados, como em (6), abaixo, em que ao núcleo verbal é afixado o morfema nominalizador *-ha*:

- (6) ha = Ø-kere-**ha**-Ø                      i-muku  
 1 = R-dormir-NZR-N                      3.II-ser.longo  
 'minha dormida foi longa'

Além dessa diferença sintática, nomes e verbos podem ser identificados como duas classes lexicais distintas com base em critérios morfológicos, já que a possibilidade ou não de ocorrência de morfemas específicos da classe dos nomes permite também diferenciá-la da classe dos verbos, como vemos a seguir.

Morfologicamente, os nomes caracterizam-se por constituírem a única classe lexical que:

- admite flexão com o já citado sufixo nominal referenciante *-a* (ex. 3, acima),
- ocorre com o sufixo casual locativo *-pe* (ex. 7),
- recebe os sufixos de atualização nominal *-ker* e *-rým* (exs. 8 e 9, respectivamente)

e

- ocorre com o sufixo coletivizador *-ker* (ex. 10).

- (7) a-jku            ta            ha = r-*ipa-pe*  
 1.I-*ficar*            FUT            1.II = R-*casa-LOC*  
 ‘vou ficar na minha casa’
- (8) t-*ipa-ker-a*  
 HUM-*casa-RETR-N*  
 ‘casa abandonada (ou destruída)’
- (9) t-*ipa-rỹm-a*  
 HUM-*casa-PROSP-N*  
 ‘casa projetada (ou em construção)’.
- (10) awa    Ø-*warihã-ker-a* i-*mymyr-a*    Ø-*pyhy*            wỹ  
 Guajá    R-*macho-COL-N* R-*filho-N*            3.I-*pegar*            PLU  
 ‘a homenzarada pegou seus filhos’

Os verbos, por sua vez, caracterizam-se morfologicamente por não admitirem flexão com os sufixos citados acima, exclusivos dos nomes. Além disso:

- somente verbos podem ser nominalizados – por meio dos diferentes morfemas nominalizadores existentes na língua: *-ahar*<sup>3</sup>, nominalizador de agente de verbo transitivo (ex. 11); *-ipy*, nominalizador de paciente sem expressão do agente (ex. 12); *imi-*, nominalizador de paciente com agente expreso (ex. 13), *-aha*, nominalizador de circunstância/lugar (ex. 14);

---

3 Esse sufixo nominalizador ocorre apenas com temas verbais transitivos e com complementos locativos, mas não com nomes.

- somente verbos podem ser causativizados por meio dos diferentes morfemas causativos<sup>4</sup>: *mi-*, causativo direto (ex. 15) e *-ka*, causativo indireto (ex. 16).

- (11) a'e i-pyhyk-ahar-a  
DEM 3.II-pegar-NZR-N  
'ele é o pegador (dele)'
- (12) arapaha Ø-ika-pyr-y'ỹm-a a-ika-ta  
veado R-matar-NZR-NEG-N 1.I-matar-FUT  
'eu vou matar o veado que não foi morto'
- (13) ha=n-imi-'u-a  
1.II=R-NZR-comer-N  
'minha comida'
- (14) a-nũ wari Ø-jãn-aha-Ø  
1.I-ouvir guariba R-cantar-NZR-N  
'eu ouvi o canto do guariba'
- (15) Hosana-Ø Amỹxa'ate-a Ø-mi-juhu 'y-pe  
N.PR.-N N.PR.-N 3.I-CAUS-banhar.se rio-LOC  
'Rosana banhou Amỹxa'atea no rio'
- (16) jaha 'y-a a-'u-ka karai i-we-ma'a-ke Ø-pe  
eu água-N 1.I-ingerir-CAUS não.índio 3.II-ter.sede-NZR-RETR R-DAT  
'eu fiz o não índio sedento ingerir água'

4 Para maiores detalhes acerca dos diferentes processos de causativização do Guajá, ver Autor (2014a).

Dessa maneira, mesmo que a função predicativa seja comum a nomes e verbos, pode-se afirmar que na língua Guajá há evidências morfossintáticas suficientes para se distinguir uma classe lexical da outra.

Além da distinção entre as classes verbo e nome, que consideramos devidamente esclarecida, é necessário que seja compreendido o paralelismo entre as estruturas argumentais nominais e verbais (e posposicionais). Para isso, apresentamos a seguir uma tabela com as duas séries de marcadores pessoais e uma breve descrição das subclasses lexicais de nomes e verbos em Guajá, levando em consideração, primeiramente, a sua valência<sup>5</sup>.

O paradigma de marcadores pessoais da série I é formado por prefixos pessoais, enquanto o da série II é formado por pronomes clíticos, relacionados formalmente ao núcleo do predicado por meio de um prefixo que marca a adjacência entre o núcleo e o seu dependente<sup>6</sup> (com exceção da marca de terceira pessoa que, diferentemente das demais, é um prefixo):

Série I		Série II	
a-	1SG	ha=	1SG
ari-	2SG	ni=	2SG
∅-	3	i- ~ h-	3
xi-	1PL.INCL.	are=	1PL
ari-	1PL.EXCL.	pĩ=	2PL
pi-	2PL		

**Quadro 1** - marcadores pessoais<sup>7</sup>

5 Referimo-nos à noção de valência entendendo-a como o número de argumentos de um núcleo lexical.

6 Mais comumente conhecida como “prefixo relacional de contiguidade” (RODRIGUES, 2010, p.11).

7 A distinção entre 1a pessoa do plural inclusiva e exclusiva ocorre apenas na série I de marcadores pessoais.

Os exemplos a seguir ilustram a marca de 1ª pessoa singular com o prefixo da série I (ex. 17) e com o pronome clítico da série II (ex. 18):

(17) a-wyhy  
1.I-correr  
'eu corri'

(18) ha = r-apaj  
1.II = R-estar.com.sono  
'eu estou com sono'

### 1.1 Subclasses de verbos

Os verbos da língua Guajá podem ser classificados como divalentes ou monovalentes, conforme o número de argumentos que admitem.

Os verbos divalentes admitem dois argumentos, um interno e outro externo. Como o núcleo verbal permite a marcação de apenas um argumento (por meio dos marcadores da série I (ex. 23) ou da série II (ex. 24)), a seleção do argumento marcado no verbo depende da pessoa desse argumento, de acordo com uma clara hierarquia referencial<sup>8</sup>.

(23) Ø-pyhy  
3.I-pegar  
'(ele) (o/a) pegou'

---

8 De acordo com a hierarquia de referencial do Guajá, postulada por Autor (2007), têm-se a seguinte ordem, em termos de pessoa: 1 = 2 > 3. Nas orações em que há dois argumentos de 3ª pessoa, o argumento marcado no núcleo verbal é sempre aquele com papel semântico de “agente”, enquanto nas orações em que os dois argumentos são de 1ª e 2ª pessoa, o argumento marcado é sempre o que exerce o papel de “paciente”.

- (24) ha=Ø-pyhy  
 1.II=R-pegar  
 '(ele) me pegou'

Os verbos monovalentes, por sua vez, admitem apenas um argumento, que pode ser externo ou interno.

Nos verbos monovalentes que ocorrem com um argumento externo, a pessoa desse argumento é marcada no verbo por meio dos prefixos da série I de marcadores pessoais (conforme quadro 1, acima), como ilustram os exemplos a seguir:

- (19) jawar-a            Ø-kere  
 cachorro-N        3.I-dormir  
 'o cachorro dormiu'

- (20) a-kere            mixik-aĩ-ta            jaha  
 1.I-dormir        pouco-ATEN-FUT        eu  
 'eu vou dormir um pouquinho'

Já nos verbos monovalentes que ocorrem com um argumento interno, a pessoa desse argumento é expressa por meio do prefixo de terceira pessoa (ex. 21) ou dos pronomes pessoais clíticos de 1ª e 2ª pessoas (ex. 22) que integram a série II de marcadores pessoais (conforme tabela 1, acima), associados ao núcleo verbal por meio da marca de adjacência (R):

- (21) Majakatỹ-a        h-ahy  
 N.PR.-N 3.II-estar.doente  
 'Majakatỹa está doente'

- (22) ha=r-ahy                      jaha  
 1.I=R-estar.doente        eu  
 'eu estou doente'

Ainda com relação às classes e subclasses do Guajá, podemos também subdividir a classe dos verbos, considerando sua semântica, em eventivos (exemplos 25 e 26) e estativos (exemplos 27 e 28).

- (25) jawaruhu-a        Ø-wyhyaha  
 onça-N                3.I-correr        CTF  
 'a onça correu (se afastando)'
- (26) awa'yr-a            tatu-a                Ø-xa  
 criança-N            tatu-N                3.I-ver  
 'a criança viu o tatu'
- (27) i-mymyr-a        i-kira  
 3-filho-N            3.II-ser.gordo  
 'o filho dela é gordo'
- (28) Awa-wahy-a            i-pa'aruhu  
 mulher-Guajá-N 3.        II-estar.grávida  
 'A mulher Guajá está grávida'

As duas subclasses verbais diferenciam-se morfológica e semanticamente pelas seguintes propriedades: os verbos eventivos podem ser monovalentes ou divalentes (uma vez que todos os verbos transitivos estão incluídos nesta classe), expressam a categoria de pessoa por meio de marcadores pessoais da série I, no caso dos monovalentes, e também por meio da série II, no caso dos divalentes, e caracterizam-se semanticamente (pensando-

se na escala de estabilidade temporal proposta por Givón (2001:54) por exprimir fenômenos que denotam mudanças rápidas no estado, condição ou locação espacial de alguma entidade codificada como nome ou marca de pessoa. Já os verbos estativos expressam a categoria de pessoa por meio da combinação com os marcadores da série II e exprimem conceitos que abarcam desde as propriedades físicas mais estáveis dos nomes, como tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, cheiro e sabor, até uma grande parte dos fenômenos que denotam estados temporários, como temperatura ou estados de saúde. Estes, por sua vez, são sempre monovalentes.

A partir desses dados, constatamos que o Guajá apresenta uma cisão interna na classe dos verbos monovalentes, uma cisão ativo-estativa marcada morfológicamente pelos marcadores pessoais: a série I expressa o argumento externo dos verbos monovalentes eventivos, mesma marca do argumento com papel semântico de “agente” dos verbos divalentes (compare exemplo 23 com 25); enquanto a série II expressa o argumento interno dos verbos monovalentes estativos, mesma marca do argumento com papel semântico de “paciente” dos verbos divalentes (compare exemplo 22 com 24). Tal fenômeno, associado a outras características que se ajustam às descritas por Klimov (1974) para as línguas de tipologia ativa, tal como ausência de voz, caracteriza o fenômeno da intransitividade cindida, presente nessa língua quando se leva em consideração a classe dos verbos.

## 1.2 Subclasses de nomes

Os nomes, assim como os verbos, também admitem argumentos. A existência de argumentos pressupõe estrutura argumental no núcleo e, portanto, valência. Dessa maneira, a classe dos nomes também pode ser subdividida em monovalente e divalente, conforme o número de argumentos que admitem<sup>9</sup>.

Os nomes monovalentes ocorrem apenas com um argumento externo, enquanto os nomes divalentes ocorrem com dois argumentos, um interno e outro externo<sup>10</sup>, como

---

9 Aqui, tomamos como inspiração a interpretação de Queixalós (2005) para explicar a valência nominal em Katukina. Dessa maneira, nomes monovalentes são aqueles que quando em posição de predicado apresentam apenas um argumento, externo. Nomes divalentes são aqueles que, quando em posição de predicado, têm argumento externo e interno. Os nomes divalentes, mesmo quando não ocupam a posição de predicado, expressam obrigatoriamente seu argumento interno, que é assim denominado por ser interno ao sintagma nominal. Tal noção pode ser interpretada como uma tradução morfossintática das expressões de base semântica “posse alienável” e “posse inalienável”.

10 Entenda-se como interno o argumento do sintagma nominal que se localiza dentro do próprio sintagma, e externo aquele que se encontra fora do sintagma nominal ao qual está sintaticamente relacionado.

ilustram os exemplos a seguir.

- (29) Wa'amaxĩ-a    Awa-te-a  
 N.PR.-N        Guajá-REAL-N  
 'Wa'amaxĩ-a é Guajá de verdade'
- (30) Wa'amaxĩ-a    ha-miriko-a  
 N.PR.-N        3-esposa-N  
 'Wa'amaxĩ-a é a esposa dele'
- (31) Wa'amaxĩ-a    Xiparêxa'a        r-imiriko-a  
 N.PR.-N        N.PR.            R-esposa-N  
 'Wa'amaxĩ-a é a esposa de Xiparêxa'a'
- (32) Wa'amaxĩ-a    ha = r-imiriko-a  
 N.PR.-N        1 = R-esposa-N  
 'Wa'amaxĩ-a é a minha esposa'

No exemplo 29, o nome monovalente em posição predicativa *Awatea* 'Guajá de verdade' ocorre com seu único argumento, externo, *Wa'amaxĩa*, enquanto nos exemplos 30, 31 e 32 o nome divalente *-imirikoa* 'esposa' requer um argumento externo *Wa'amaxĩa* e outro interno, que pode ser expresso no núcleo nominal por meio de um prefixo de 3ª pessoa (ex. 30) ou, quando o argumento interno é um SN, este coocorre com uma marca de adjacência intermediando o núcleo e o SN (ex. 31). Vale observar que, no que diz respeito à ocorrência da marca de adjacência *r-*, os pronomes clíticos se comportam como SNs, como no exemplo 32. A expressão da pessoa do argumento interno dos nomes se dá por meio da série II de marcadores pessoais.

## 2. Os diferentes tipos de predicados do Guajá, a marcação de pessoa e o *status* formal dos seus participantes

Como já mencionado acima, há no Guajá diferentes tipos de predicados que se distinguem uns dos outros quanto à classe de palavra que ocorre como núcleo (predicados verbais ou nominais) e, ainda, quanto às suas características morfossintáticas (sua valência e a consequente ocorrência com os diferentes paradigmas de marcação de pessoa).

A seguir, apresentaremos os predicados verbais e os predicados nominais, enfocando suas características, para depois demonstrarmos o paralelismo sintático e semântico entre os dois tipos de predicados.

Serão descritos apenas os predicados que integram orações independentes, já que nas orações dependentes as marcas pessoais adquirem uma configuração diferente.

## 2.1 Predicados verbais

Entre os predicados que têm verbos como núcleo, os predicados verbais, há os transitivos (ou divalentes) e os intransitivos (ou monovalentes), assim caracterizados por terem como núcleo um verbo divalente e um verbo monovalente, respectivamente.

### 2.1.1 Predicados verbais divalentes

Os predicados divalentes, ou transitivos, admitem, de maneira mutuamente exclusiva, os dois paradigmas pessoais, e a seleção do participante que ocupará a única posição disponível para a marca de pessoa depende da já referida hierarquia referencial vigente na língua. Quando o argumento que desempenha a função de agente<sup>11</sup> é marcado nos verbos divalentes, a pessoa é identificada pelos marcadores da série I, como em (33). Quando o argumento que desempenha a função de paciente<sup>12</sup> é marcado nos verbos transitivos, a pessoa é identificada pelos marcadores da série II, como em (34)<sup>13</sup>.

(33) <a-pyhy> (expressão do 'agente' nos predicados verbais divalentes: série I)

11 No sentido prototípico, conforme Dowty (1991).

12 No sentido prototípico, conforme Dowty (1991).

13 Os símbolos utilizados para delimitar o papel dos participantes nos exemplos da língua Guajá representam: < > Predicado; [ ] Sintagma Nominal e ( ) adjunto.

1.I-pegar

‘eu (o) peguei’

(34) <ha =Ø-pyhy> (expressão do ‘paciente’ nos predicados verbais divalentes: série II)

1.II=R-pegar

‘(ele/você) me pegou / me pegue!’

Assim, levando em conta sua valência, podemos afirmar que a série I dos marcadores de pessoa expressa o argumento externo do sintagma verbal enquanto a série II expressa o argumento interno deste sintagma.

### 2.1.2. Predicados verbais monovalentes e a cisão da intransitividade

Nos predicados monovalentes, ou intransitivos, a ocorrência com a série I ou II da marcação de pessoa caracteriza a subdivisão dos predicados, assim como a dos verbos, em eventivos (35) e estativos (36), respectivamente.

(35) <a-wyhy> (expressão do argumento único em predicados eventivos: série I)

1.I-correr

‘(eu) corri’

(36) <ha = r-ahy> (expressão do argumento único em predicados estativos: série II)

1.II=R-estar.doente

‘eu estou doente’

Quando uma língua possui dois grupos de verbos monovalentes que se diferenciam semântica, morfológica ou sintaticamente, afirma-se que essa língua tem intransitividade cindida.

A cisão da intransitividade ilustrada pelo Guajá se enquadra, obviamente, dentro de um fenômeno maior nas línguas do mundo que é o da intransitividade cindida, considerado por alguns como uma manifestação a ser encontrada em maior ou menor grau em todas as línguas.

No entanto, o tipo particular de intransitividade cindida identificado no Guajá e em outras línguas da família Tupí-Guaraní é determinado pela codificação do argumento único do verbo intransitivo, que é a mesma codificação do agente dos verbos transitivos (série I) no caso dos predicados verbais monovalentes eventivos, e a mesma do paciente dos verbos transitivos (série II) no caso dos predicados verbais monovalentes estativos. Tal fenômeno ilustra, como defendem alguns autores (DUARTE, 2005, para o Tenetehára e FREITAS, 2007, para o Guaraní Mbyá), uma cisão nominativo-absolutiva, uma vez que os marcadores pessoais da série I são analisados como marca de nominativo, enquanto os da série II são analisados como marca de absolutivo.

Há, ainda, autores que tratam desse subtipo de cisão como “alinhamento nominativo-absolutivo”. Sousa Filho (2011, p.115), por exemplo, defende que, em Xerente, “quando os sujeitos de verbos intransitivos estão alinhados duplamente, por um lado como sujeito de verbos transitivos e, por outro, como objetos de verbos transitivos”, a língua opera com o sistema morfossintático de alinhamento nominativo-absolutivo. Queixalós (2013) considera que a intransitividade cindida propriamente dita é um fenômeno gramatical amplo que pode se manifestar na maioria das línguas de diversas maneiras (como na utilização dos pronomes, na causativização de verbos etc.) e que pode ou não influir sobre o alinhamento. Denomina de alinhamento nominativo-absolutivo os casos particulares em que a intransitividade cindida se manifesta nas marcas dos argumentos únicos dos verbos intransitivos, alinhados com o agente e o paciente dos verbos transitivos, configurando, pela ocorrência com as marcas de pessoa, duas subclasses distintas de verbos intransitivos.

O Guajá e as línguas Tupí-Guaraní seriam casos que ilustram exatamente o tipo de cisão denominado “alinhamento nominativo-absolutivo” proposto por Queixalós (op.cit.).

## 2.2 Predicados nominais

Como já explicado, todo nome, em Guajá, pode ser o núcleo de um predicado, sem precisar de nenhum elemento verbal comparável a uma cópula. Com relação aos predicados nominais, podem figurar como núcleo destes nomes monovalentes ou divalentes, isto é,

nomes que apresentam apenas um argumento, externo, como em (37), e nomes que apresentam dois argumentos, um interno e outro externo, como em (38):

- (37) [[Jamakwarer]-a] <kwaxi-a> (predicado com núcleo nominal monovalente)  
 Jamakware-N quati-N  
 'Jamakwarera é um quati' (porque tem muitos filhos)
- (38) [[Jamakwarer]-a] <i-men-a> (predicado com núcleo nominal divalente)  
 Jamakware-N 3.II-marido-N  
 'Jamakwarera é o marido dela'

Em (37), o núcleo lexical do predicado é um nome monovalente *kwaxi-a* 'quati' e *Jamakwarera* é seu argumento único, externo. Em (38), o núcleo lexical do predicado é um nome divalente *-men* 'marido', sendo *Jamakwarera* seu argumento externo, expresso por meio de um SN (também é possível a expressão do argumento externo por meio de um pronome independente), e o seu argumento interno sendo obrigatoriamente expresso por meio de um marcador pessoal da série II.

São dois os subtipos de predicados nominais do Guajá: os predicados equativo-inclusivos e os predicados existenciais, descritos a seguir.

### 2.2.1. Predicados nominais equativo-inclusivos

Os exemplos (37) e (38), acima, ilustram predicados nominais equativo-inclusivos, assim denominados por expressarem ora uma equação ora uma inclusão entre dois Sintagmas Nominais (SN), com um deles exercendo a função de argumento e o outro a de núcleo do predicado (seja esse núcleo um nome monovalente (ex. 37) ou divalente (ex. 38)). Isto é, em (38) a noção equativa se dá pelo fato de o argumento e o predicado serem extensionalmente idênticos; em (37) a noção inclusiva se dá porque extensão do predicado inclui a extensão do argumento.

No caso do Guajá, não há diferença formal entre um predicado nominal equativo e outro inclusivo (diferença esta estabelecida, por exemplo, na língua Kamaiurá (SEKI, 2000, p.161-162), onde o predicado equativo (sempre marcado pelo sufixo *-a*) *je=tutyr-a*

*morekwar-a* 'meu tio é o chefe' se diferencia do predicado inclusivo (sem o sufixo *-a*) *je=tutyra morekwat* 'meu tio é (um) chefe', por promover uma interpretação estritamente equativa, identificando extensionalmente o argumento com o predicado, enquanto o predicado inclusivo promove uma interpretação inclusiva, em que o referente do argumento é parte integrante da classe de referentes designada pelo predicado nominal). O núcleo nominal dos predicados equativo-inclusivos do Guajá ocorre sempre marcado pelo sufixo *-a*, sufixo nominal referenciante, e pode promover uma interpretação tanto equativa quanto inclusiva. Isto é, o exemplo (37) pode ser interpretado como 'Jamakwarera é um quati' ou 'Jamakwarera é o quati'.

### 2.2.2. Predicados nominais existenciais

Os predicados nominais existenciais, por sua vez, têm a função de predicar a existência de uma entidade (e não a de relacionar um predicado a um argumento) e caracterizam-se por constituir um todo fechado, sem argumento externo, seja seu núcleo um nome monovalente ou divalente<sup>14</sup>.

- (39) <[tapi'i]<sub>SNPRED</sub>> (ka'a-pe) (predicado existencial com núcleo monovalente)  
 anta mato-LOC  
 '(tem) anta (no mato)'

- (40) <[ha=r-a'y]<sub>SNPRED</sub>> (jaha) (predicado existencial com núcleo divalente)  
 1.II=R-filho eu  
 '(tem) meu filho'<sup>15</sup>

14 Os predicados nominais existenciais contrastam com os predicados locativos pela ausência do sufixo nominal referenciante *-a* nestes últimos. O ex. 39 pode ser contrastado com o exemplo abaixo, em que a raiz nominal *tapi'i(r)-* ocorre não como predicado, mas como argumento de um predicado cujo núcleo é uma expressão locativa:

[tapi'ir-a] <ka'a-pe>  
 anta-N mato-LOC  
 'a anta está no mato'

15 A construção em (40) é *funcionalmente* equivalente a uma predicação possessiva 'eu tenho filho'.

Em (39), *tapi'i* 'anta' é o núcleo lexical monovalente que, por figurar como núcleo de predicado existencial, perdeu a capacidade de ter um argumento externo. O mesmo ocorre em (40), onde *ha=r-a'y* 'meu filho' é o núcleo nominal divalente que perdeu a capacidade de ter um argumento externo por figurar como núcleo de um predicado existencial. Seu argumento interno, por sua vez, é obrigatoriamente expresso por meio dos marcadores pessoais da série II. O pronome independente *jaha* 'eu' é um adjunto e, portanto, é opcional e não exerce a função de argumento do núcleo do predicado existencial, como veremos a seguir.

### 3 O status dos SNs nos diferentes tipos de predicados

Os SNs que ocorrem nos diferentes tipos de predicados expressando os participantes do evento, estado ou predicando a existência de uma entidade podem ter *status* de argumento interno, argumento externo ou adjunto correferencial<sup>16</sup>.

Pretendo aqui defender a hipótese de que o Guajá é uma língua cuja marcação de pessoa no núcleo do predicado expressa o argumento desse predicado, como defende Jelinek (1984) se referindo às línguas não-configuracionais. O Guajá, apesar de ser uma língua configuracional (apresenta ordem de palavras relativamente rígida e não tem expressões descontínuas), possivelmente herdou de sua fase não-configuracional (hipótese levantada por Queixalós, 2006) essa característica.

Nos predicados verbais monovalentes, por exemplo, a marca de pessoa (seja das séries I ou II, que caracterizam a subdivisão dos predicados em eventivos (3) e estativos (4), respectivamente) é obrigatória, sendo tal marca a própria expressão do argumento único desses predicados.

- (41) <a-wyhy>            (jaha)            (expressão do argumento único: série I)  
           1.I-correr        eu  
           '(eu) corri'

16 Nomenclatura sugerida (em comunicação pessoal) e utilizada por Francisco Queixalós. No Guajá, "adjunto correferencial" refere-se aos adjuntos pronominais que ocorrem opcionalmente com a função de reforçar a expressão do argumento expresso por uma marca de 1ª ou 2ª pessoa, e nos casos em que a expressão do argumento é uma marca de 3ª pessoa, com a função de especificar a identidade desse argumento.

- (42) <ha = r-ahy> (jaha) (expressão do argumento único: série II)  
 1.II=R-estar.doente eu  
 ‘eu estou doente’

Já a expressão do pronome independente *jaha* “eu” é opcional. Dessa forma, o pronome de 1ª pessoa dos exemplos acima deve ser considerado um adjunto correferencial já que, além de ser correferente ao marcador pessoal do núcleo verbal, não tem obrigatoriedade de ocorrência, tem posição livre (antes ou depois do sintagma predicativo) e entre ele e o sintagma predicativo ocorre uma pausa entonacional.

Nos predicados verbais divalentes, como só há uma posição no sintagma para expressar a pessoa do argumento, apenas um participante pode se manifestar dentro do sintagma, respeitando a hierarquia referencial existente na língua. Como explicitado anteriormente, a série I dos marcadores de pessoa expressa o sujeito do sintagma verbal divalente enquanto a série II expressa o objeto deste sintagma.

- (43) <a-pyhy> (expressão do sujeito nos predicados verbais transitivos: série I)  
 1.I-pegar  
 ‘eu (o) peguei’
- (44) <ha =Ø-pyhy<sup>17</sup>> (expressão do objeto nos predicados verbais transitivos: série II)  
 1.II=R-pegar  
 ‘(ele/você) me pegou / me pegue!’

Assim como nos predicados verbais monovalentes, é possível, nos predicados verbais divalentes, que o argumento sujeito expresso pelos marcadores da série I seja acompanhado na mesma oração por um pronome independente expresso como um adjunto correferencial:

---

17 Sem a explicitação do sujeito na oração, como ocorre nesse exemplo, somente o contexto discursivo e a entonação da frase pode elucidar se ele se trata de uma terceira ou de uma segunda pessoa e se a oração está no modo indicativo ou imperativo, como indicado nas possíveis traduções apresentadas.

- (45) <a-pyhy> (jaha)  
 1.I=pegar eu  
 ‘eu (o) peguei’

Quando são os marcadores da série II que ocorrem no núcleo do sintagma verbal divalente, expressando o argumento com função sintática de objeto, é obrigatória a presença do participante que exerce a função de sujeito, que pode ser expresso por meio de pronomes independentes (exemplos 46a e 46b) (que são um subtipo de SN) ou de SN (exemplo 47), este último com posição fixa antes do sintagma verbal predicativo, o que o diferencia dos SNs com função de adjuntos correferenciais:

- (46a) <ha =Ø-pyhy> a'ia  
 1.II=R=pegar ele  
 ‘(ele) me pegou’
- (46b) <ha =Ø-pyhy> nijã  
 1.II=R=pegar você  
 ‘me pegue!’
- (47) Manã-Ø <ha =Ø-pyhy>  
 Manã-N 1.II=R=pegar  
 ‘Manã me pegou’

O objeto do exemplo (45) acima, por ser de 3ª pessoa, não pode ser, de acordo com a hierarquia referencial vigente na língua (1 = 2 > 3), expresso no núcleo verbal por meio dos marcadores pessoais. No entanto, caso sua expressão ocorra por meio de um SN, como no exemplo (48) abaixo, este tem posição fixa antes do sintagma verbal predicativo e só pode ser omitido caso esteja subentendido no contexto discursivo.

- (48) pape-a <a-pyhy> (jaha)

papel-N            1.I-pegar            eu  
 ‘eu peguei o papel’

Tanto os SNs que ocorrem como sujeito em predicados verbais divalentes cujo objeto ocorre por meio de um marcador da série II (ex. 47), quanto os SNs que ocorrem como objeto em predicados verbais divalentes cujo sujeito ocorre por meio de um marcador da série I (ex. 48) são externos ao sintagma verbal e têm função de argumentos, uma vez que têm posição fixa na oração e são obrigatórios (a menos que estejam subentendidos no contexto).

Com relação aos predicados nominais, os SNs assumem diferentes *status* dependendo do tipo de predicado em que se encontram.

Nos predicados equativo-inclusivos, ilustrados pelos exemplos (37) e (38), acima, repetidos aqui como (49) e (50), os SNs que exercem a função de argumento são externos ao sintagma predicativo nominal e ocupam uma posição fixa anterior ao predicado.

(49) [[Jamakwarer]-a]            <kwaxi-a>  
 Jamakware-N            quati-N  
 'Jamakwarera é um quati' (porque tem muitos filhos)

(50) [[Jamakwarer]-a]            <i-men-a>  
 Jamakware-N            3.II-marido-N  
 'Jamakwarera é o marido dela'

Já nos predicados existenciais, que, como explicado acima, caracterizam-se por constituir um todo fechado, sem argumento externo, os SNs (ex. 51), assim como os pronomes independentes (ex. 52), funcionam como adjuntos correferenciais, uma vez que se referem aos argumentos únicos, internos, dos predicados existenciais com núcleo divalente, já expressos por meio dos marcadores de pessoa da série II:

(51) (Itaxĩ-a)            <[h-aphija]<sub>SPRED</sub>>  
 Itaxĩ-N            3-irmão

'Itaxĩ tem irmão' (lit.: Itaxĩ, irmão dele (existe))

- (52) <[ha=r-aphija]<sub>SPRED</sub>> (jaha)  
 1.II=R-irmão eu  
 'eu tenho irmão'

Os SNs que integram sintagmas posposicionais (ex. 53) e aqueles que ocupam a posição de genitivo em sintagmas nominais (ex. 54), por sua vez, têm status de argumento interno, uma vez que ocupam posição fixa anterior ao núcleo do sintagma e não permitem que nenhum outro constituinte ocupe a posição entre eles e seu núcleo.

- (53) (jaha) mÿk-a <a-myty> [[ira] r-ia]<sub>SPOSP</sub>  
 eu manga-N 1.I-puxar árvore R-de  
 'eu puxei a manga da árvore'

- (54) [[Mihaxa'a] r-a'yr-a]<sub>SN</sub> <h-ahy>  
 Mihaxa'a R-filho-N 3.II-estar.doente  
 'o filho de Mihaxa'a está doente'

Em resumo, SNs assumem diferentes *status* dependendo do tipo de predicado ou do tipo de sintagma em que ocorrem. São: (i) Argumentos externos, quando ocorrem como: sujeito de predicados verbais divalentes cujo objeto ocorre por meio de um marcador pessoal da série II, objeto de predicados verbais divalentes cujo sujeito ocorre por meio de um marcador da série I e sujeito de predicados nominais equativo-inclusivos; (ii) Argumentos internos, quando ocorrem como: dependentes de Sintagmas Posposicionais e dependentes de Sintagmas Nominais Genitivos; (iii) Adjuntos correferenciais, quando ocorrem para contribuir com a identificação do participante expresso por sujeito de 3ª pessoa/argumento único de 3ª pessoa como: participante que expressa a identidade do sujeito de 3ª pessoa em predicados verbais, participante que expressa a identidade do argumento único de 3ª pessoa em predicados existenciais com núcleo divalente.

## 4 Extensão da cisão ativo-estativa para o nível dos predicados

Com base na análise dos tipos de predicado apresentada acima, pode-se deduzir que, apesar de os verbos e os nomes pertencerem a classes lexicais diferentes, se considerarmos os tipos de predicados existentes na língua, podemos concluir que os predicados nominais instituem semântica e sintaticamente o mesmo tipo de predicado que os predicados verbais estativos.

Isso porque se pode reconhecer que verbos monovalentes estativos e nomes têm em comum a não-atividade. O traço semântico menos ativo caracteriza tais palavras, e seus argumentos conseqüentemente apresentam esse traço, semelhante ao dos objetos dos verbos divalentes.

Sintaticamente, verbos monovalentes estativos e nomes têm em comum a característica de serem os únicos que recebem o morfema *-reme* quando exercem a função de complementos circunstanciais incoativos (isto é, quando constituem núcleos de construções adverbiais que indicam a aquisição de uma propriedade designada pelo núcleo lexical que recebe o sufixo), como em (55), (56) e (57):

(55) jaha a-imahy ha = Ø-ikira-reme  
 eu 1.I-zangar.se 1.II = R-ser.gordo-TRANS  
 'eu me zanguei por ter me tornado gordo'

(56) Mair-a Ø-po tapi'i-reme  
 N.PR.-N 3.I-pular anta-TRANS  
 'Maíra pulou transformando-se em anta'

(57) ita-Ø a-japo-ta ha = Ø-wy'y-reme  
 pedra-N 1.I-fazer-FUT 1.II = R-flecha-TRANS  
 'eu farei metal transformar-se em flecha'

O exemplo (55) ilustra um verbo estativo associado ao sufixo translativo, enquanto os exemplos (56) e (57) ilustram um nome monovalente e um nome divalente, respectivamente, associados ao referido sufixo.

Assim, nomes e verbos estativos formam o mesmo tipo de predicado não-ativo, apesar de configurarem classes lexicais distintas, e o argumento único desse tipo de predicado verbal, assim como o argumento externo de predicados nominais equativo-inclusivos apresenta traços semânticos de um “paciente” prototípico.

Por sua vez, o traço semântico ativo caracteriza os verbos divalentes e os monovalentes eventivos, e tanto o sujeito do primeiro quanto argumento único dos últimos apresenta traços semânticos de um “agente” prototípico.

O quadro abaixo representa o agrupamento, de um lado, dos predicados ativos e do outro dos não-ativos, associando-os às marcas de pessoa no seu respectivo núcleo:

TIPOS DE PREDICADO	AGRUPAMENTO	CODIFICAÇÃO DA PESSOA
Predicados ativos	constituídos pelos predicados verbais divalentes e pelos predicados verbais monovalentes eventivos	recebem exclusivamente os prefixos da Série I
Predicados não-ativos	constituídos pelos predicados verbais monovalentes estativos e pelos predicados nominais	recebem exclusivamente os marcadores de pessoa da Série II

**Quadro 2** – Tipos de predicados e a sua marcação de pessoa

Seriam as características acima citadas (combinação com o morfema translativo -*reme* e codificação do índice de pessoa) motivo suficiente para se afirmar que a língua Guajá apresenta, além da cisão ativo-estativa na classe dos verbos, uma cisão estendida aos tipos de predicado?

Para responder tal questionamento, levamos em consideração os estudos de Barraza de Garcia (2005), sobre a língua Shawi, e de Praça (2007), sobre a língua Tapirapé.

Barraza de Garcia (op.cit.), ao descrever a língua Shawi (Peru), defende a ideia de que ela é uma língua 'ativa' por apresentar, não uma cisão nos verbos, mas uma cisão nos predicados monovalentes, isto é, no Shawi, o participante único dos verbos intransitivos se conjuga da mesma maneira que o participante agente dos verbos transitivos, enquanto que o sistema de conjugação de pessoa da predicação nominal é o mesmo que codifica o participante paciente da predicação verbal transitiva.

Inspirada na análise de Barraza, Praça (op.cit.) analisa a língua Tapirapé (família Tupí-Guaraní) como uma língua ativa estendida, considerando, com base na codificação de pessoa e no tipo de subordinador que verbos e nomes recebem que: (i) nomes e “verbos descritivos” (ou, na nomenclatura por mim adotada, verbos monovalentes estativos) instituem semântica e sintaticamente o mesmo tipo de predicado não-ativo e (ii) verbos transitivos e intransitivos ativos instituem predicado ativo.

Assim, de acordo com Praça (2007, p.199-200), o Tapirapé apresenta uma cisão de predicados monovalentes, além de uma cisão interna na classe dos verbos. A predicação monovalente, segundo a autora, está dividida em dois tipos de predicados: i) a predicação não-ativa, cujo núcleo é constituído por verbos descritivos e nomes, em que o argumento único recebe a mesma marca do objeto do transitivo; ii) a predicação ativa, cujos núcleos são formados por verbos transitivos e intransitivos ativos, em que o argumento único do intransitivo recebe a mesma marca do sujeito do transitivo. Praça (2007, p.196) argumenta, ainda, que a codificação de pessoa no Tapirapé é válida para diferenciar os tipos de verbos e que este mesmo mecanismo é eficaz também para diferenciar tipos de predicados, uma vez que os nomes, por poderem instituir predicado de modo natural e compartilharem com os verbos similaridades comportamentais, utilizam a mesma marca de pessoa que os “descritivos”, a Série II.

Cabral (2009, p. 31-52), ao tratar da distribuição e da natureza das marcas pessoais da língua Zo'é (Tupí-Guaraní), também defende que há na língua “uma cisão com respeito aos tipos de predicados intransitivos, que podem ser ativos e não-ativos”, apesar de também afirmar que “isso não faz do Zo'é uma língua ativa-estativa, mas uma língua que manifesta, entre outras características, as de uma língua ativa estativa.”

No entanto, há um detalhe importante que passou despercebido por Praça e Cabral: tanto no Guajá quanto no Tapirapé ou no Zo'é, a marca de pessoa da série II que caracteriza a principal semelhança morfossintática entre os predicados não-ativos (formados pelos verbos monovalentes estativos e pelos nomes) codifica o argumento único dos predicados verbais estativos, mas apenas o argumento interno dos predicados nominais com núcleo divalente. Isto é, esses últimos tipos de predicado têm ainda um argumento externo. Portanto, a marcação de pessoa não é evidência sintática para associar os predicados verbais monovalentes estativos aos predicados nominais .

Ainda que possam ser identificadas no Tapirapé e no Guajá características semânticas e sintáticas que permitam distinguir predicados ativos de predicados não-ativos, não consideramos que tais características justifiquem a classificação dessas línguas como ativo estendidas, uma vez que os predicados nominais equativo-inclusivos de núcleo divalente têm argumento interno e externo e, portanto, não são monovalentes como os predicados verbais estativos. Não há, assim, razão para se estender a classificação ativo-estativa para o nível dos predicados.

## 5 Estrutura morfossintática dos sintagmas

Ao se comparar as estruturas argumentais nominais e verbais (e posposicionais) explorando as suas semelhanças, sem deixar de explicitar as diferenças morfossintáticas que distinguem nomes de verbos na língua, podemos propor que o Guajá ilustra um tipo intransitividade cindida ainda não descrito em estudos anteriores.

Acerca da estrutura dos sintagmas do Guajá, é necessário deixar claro, para a compreensão do tema aqui tratado, que esta é uma língua de núcleo à direita, como se pode observar nos exemplos abaixo de sintagmas verbais, posposicionais e nominais da língua.

- (58) Akamatỹ-a      [[ni] = r-ixa]      (SV com núcleo divalente ativo)  
 N.PR.-N          2.II = R-ver  
 'Akamatỹa te viu'
- (59) [ari-wyhy]                                      (SV com núcleo monovalente ativo)  
 2.I-correr  
 'você correu'
- (60) [[ni] = n-atỹ]                                      (SV com núcleo monovalente estativo)  
 2.II = R-ser.forte  
 'você é forte'

- (61) a. [[ni] = r-ake]                      b. [[Akamatỹ] r-ake]      (Sintagma Posposicional)  
       2.II = R-perto                      N.PR.      R-perto  
       'perto de você'                      'perto de Akamatỹ'
- (62) a. [[ni] = r-u]-a                      b. [[Akamatỹ] r-u]-a (SN genitivo com núcleo divalente)  
       2.II = R-pai-N                      N.PR.              R-pai-N  
       'o teu pai'                      'o pai de Akamatỹ'

A relação entre o núcleo de uma construção sintática e seu dependente é intermediada por um já citado prefixo que é uma marca de adjacência (R), cuja função é marcar a dependência sintática do pronome clítico (ou do nome) em relação ao núcleo do sintagma. Nos SVs, tal prefixo marca a dependência do argumento interno pronominal (mas não nominal)<sup>18</sup> em relação ao verbo ativo (58) ou do argumento único (interno) pronominal (mas não nominal)<sup>19</sup> em relação ao verbo estativo (60); nos sintagmas posposicionais (SPs) marca a dependência do objeto da posposição, pronominal ou nominal, em relação à posposição (exemplos 61 a e b, respectivamente) e nos sintagmas nominais marcam a dependência do argumento interno, pronominal ou nominal, em relação ao núcleo nominal divalente (exemplos 62 a e b, respectivamente).

Com relação à estrutura dos sintagmas nominal e verbal, observa-se, como verificamos ao compará-las, que a relação entre o núcleo do sintagma e seu argumento interno ocorre de maneira diferenciada, dependendo de qual é o tipo de sintagma e dependendo também do número de argumentos que cada núcleo lexical requer.

Os exemplos (63) e (64) ilustram a estrutura de um SN e (65) e (66) a de um SV, ambos com núcleos lexicais divalentes.

18 Caso o argumento interno da oração 58 fosse realizado como um nome pleno, este não teria sua relação com o núcleo do SV intermediada pela marca de adjacência:

Akamatỹ-a	Maxiku-a	ø-xa
N.PR.-N	N.PR.-N	3-ver

'Akamatỹa viu Maxikua'

19 Caso o argumento interno da oração 60 fosse realizado como um nome pleno, este também não teria sua relação com o núcleo do SV intermediada pela marca de adjacência:

Akamatỹ-a	h-atỹ
N.PR.-N	3-ser.forte

'Akamatỹa é forte'

- (63) [[Xiparêxa'a]                    r- imiriko]-a    o-ho  
 N.PR                                    R-esposa-N    3.I-ir  
 'a esposa de Xiparêxa'a foi embora'
- (64) [[ha] = r-imiriko]-a    o-ho  
 1.II = R-esposa-N    3.I-ir  
 'a minha esposa foi embora'
- (65) [Pinawãxika]-ø                [i-mymyr]-a    [ø-xa]  
 N.PR-N                                3.II-filho-N    3.I-ver  
 'Pinawãxika viu o filho dela'
- (66) Pinawãxika-ø                [[ha] = r-ixa]  
 N.PR-N                                1.II = R-ver  
 'Pinawãxika me viu'

Como se pode verificar em (63) e (64), o argumento interno do SN é sempre adjacente ao núcleo, seja ele um nome pleno, como em (63), ou um pronome clítico, como em (64). Já o objeto do SV, diferentemente, não é adjacente ao núcleo, como ilustrado pelo SN *imymyra* 'filho dela' em (65), exceto quando este é um pronome clítico, como em (66). É possível que a posição original do objeto expresso por meio de um SN era, como nos casos ilustrados por 63 e 64 a argumento interno, que saiu do SV por motivos pragmáticos (ênfase, etc.). A principal evidência morfossintática de que o objeto do SV no exemplo (65) encontra-se fora do sintagma é a sua ocorrência com o sufixo nominal referenciante (N) -a, que no Guajá nunca ocorre com argumentos internos a um sintagma. Outra evidência é a possibilidade de deslocamento desse SN para uma posição pós-verbal.

O que podemos concluir a partir dessa comparação entre os diferentes tipos de sintagmas do Guajá é que temos a mesma marcação de pessoa para o genitivo, o objeto da posposição, o objeto pronominal do verbo divalente e o argumento único do verbo

monovalente estativo: a série II, responsável por expressar o argumento interno desses sintagmas.

No entanto, é importante esclarecer que o argumento interno do sintagma verbal que figura como predicado finito independente, como o do ex. (65), é um argumento de nível oracional, enquanto o argumento interno dos sintagmas nominal e posposicional continua sendo do nível do seu próprio sintagma<sup>20</sup>.

O quadro 3, a seguir, ilustra o paralelismo entre os diferentes tipos de sintagma, evidenciando como os nomes mostram clara estrutura argumental em consonância com estruturas argumentais verbais.

Categoria lexical do núcleo	Série I	Série II
Verbo	argumento externo de verbos transitivos	argumento interno de verbos transitivos
	argumento único de verbos intransitivos eventivos	argumento único de verbos intransitivos estativos
Nome		argumento interno de nomes divalentes
Posposição		argumento interno de posposições

### Quadro 3 - estruturas argumentais dos diferentes tipos de sintagmas

20 Prova disso é que fenômenos que afetam a estrutura da oração (tais como a voz) podem incidir nas propriedades do argumento interno de sintagma verbal mas não do argumento interno de sintagmas nominal e adposicional, por muito idênticos que todos eles sejam em termos de constituição e morfologia. Agradeço ao Queixalós (2010) por essa reflexão.

Como fica evidente, a partir da distribuição ilustrada no quadro acima, a série II de marcadores pessoais do Guajá refere-se à expressão da pessoa gramatical do argumento interno dos diferentes tipos de sintagmas, sejam eles verbais, nominais ou posposicionais, revelando que a marcação de pessoa na língua ocorre transcategorialmente e estabelece um paralelo entre as estruturas verbais, nominais e posposicionais.

## 6 A hipótese da inacusatividade

Uma vez defendido o caráter cindido da intransitividade na língua Guajá, podemos nos perguntar se é possível afirmar, com base na oposição inergativo/inacusativo, que os verbos aqui denominados de estativos sejam equivalentes aos inacusativos, uma vez que seu argumento é interno ao sintagma verbal.

Sobre esse tema específico, Vieira (2013) defende que, no Guaraní, a “distinção morfológica entre verbos intransitivos ativos e não-ativos não parece se correlacionar com a distinção entre inergativos e inacusativos”. A autora argumenta que a distinção entre inergativos e inacusativos aparentemente ocorre por meio do uso dos distintos quantificadores *-pa* e *pavẽ* da língua Guaraní e que tal distinção entre as duas classes de verbos intransitivos não se correlaciona com a distinção entre verbos intransitivos ativos e não-ativos.

No entanto, propomos, ao analisar o Guajá, que o critério que possibilita identificar e diferenciar argumento externo de interno é a configuração morfossintática do sintagma, apresentada na seção anterior.

A marca de adjacência (R) (ex. 67), a não possibilidade de inserção de outro elemento entre o dependente e o núcleo do sintagma (ex. 68b), além da não possibilidade de mudança de posição (ex. 69b), são evidências de que o participante expresso por meio de um marcador pessoal da série II é um argumento interno ao SV que tem como núcleo um verbo estativo. Assim, todos os núcleos lexicais que ocorrem com a série II têm SNs internos (com exceção dos verbos divalentes, em que o objeto saiu do sintagma verbal e ocupa uma posição de argumento externo).

(67) [ha = r-ahy]

1.II = R-estar.doente

'eu estou doente'

- (68) a. ha = r-ahy                      ma                      b. \*ha = ma                      r-ahy  
 1.II = R-estar.doente              COMPL  
 'eu estou completamente doente'

- (69) a. ha = r-ahy    a. \*r-ahy = ha  
 1.II = R-estar.doente  
 'eu estou doente'

Assim, diferentemente do que propõe Vieira para o Guaraní, o fato de se poder evidenciar que o argumento único dos verbos estativos é interno ao SV nos parece ser motivo suficiente para afirmar que a distinção ativo/não-ativo se correlaciona sim com a distinção inergativo/inacusativo.

## Conclusão

Após esclarecer detalhadamente as estruturas dos diferentes tipos de predicados e sintagmas do Guajá, correlacionando-os às marcas de pessoa da língua, podemos concluir que i) o Guajá é uma língua que apresenta intransitividade cindida no nível dos verbos, ii) apesar de os predicados formados por nomes e verbos também poderem ser classificados como ativos e não-ativos, a cisão da intransitividade não pode ser estendida para o nível dos predicados, uma vez que os predicados não-ativos nominais, apesar de estativos, não são todos monovalentes, o que impede que os incluamos numa eventual subclasse de predicados intransitivos não-ativos, iii) o que a série II de marcadores pessoais codifica na língua é a expressão do argumento interno dos diferentes tipos de sintagma, já que ela se refere ao argumento interno de verbos transitivos, ao argumento único de verbos intransitivos estativos, ao argumento interno de nomes divalentes e ao argumento interno de posposições, iv) o fato de que o argumento único da subclasse de verbos intransitivos estativos é um argumento interno ao sintagma correlaciona a cisão ativa/não-ativa com a distinção inergativo/inacusativo, corroborando a hipótese da inacusatividade, e ilustrando uma cisão ainda não descrita anteriormente para uma língua Tupí-Guaraní.

Os fatos aqui apresentados buscam contribuir para o estudo dos fenômenos transcategoriais bem como para o entendimento das estruturas argumentais nominais e verbais de uma língua da família Tupí-Guaraní. Assim, podem auxiliar na compreensão de fenômenos existentes em outras línguas dessa família, principalmente no que diz respeito à discussão sobre se essas línguas apresentam intransitividade cindida ou não.

## Referências

- MAGALHÃES, Marina M. S. Os diferentes processos de causativização na língua Guajá. In: QUEIXALÓS, F.; TELLES, S.; BRUNO, A. C. (Org.). *Incremento de valencia em las lenguas amazônicas*. Instituto Caro y Cuervo, serie Coediciones, 2014a.
- MAGALHÃES, Marina M. S. Os predicados existenciais do Guajá. In: CUNHA, C.; MAGALHÃES, M. (Org.). *Revista Signótica: Seção Temática*, Vol. 26, nr. 2, 2014b.
- MAGALHÃES, Marina M. S. Hierarquia de referências na língua Guajá e nas demais línguas Tupí. In: *Anais da CIDS/UFPA*, 2012.
- BARRAZA DE GARCIA, Y. J. *El sistema verbal en la lengua Shawi*. Tese de Doutorado em linguística - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- BELLETTI, Adriana; Luigi RIZZI. The Syntax of ne: Some Theoretical Implications. *The Linguistic Review*. n.2.4, p. 1-33. 1981.
- BURZIO, Luigi. *Italian syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1986.
- CABRAL, A. S. A. C. Caracterização do sistema de alinhamento do Zo'é e os fatores condicionadores de suas múltiplas cisões. In: ABRALIN, 2009. *ANAIS do VI Congresso Internacional da ABRALIN*. Vol. 2, p. 3145-3153.
- COUCHILI, T ; MAUREL, D ; QUEIXALÓS, F. Classes de lexèmes en émérillon. *Amerindia*. Vol. 26/27, p. 173-208, 2002.
- DUARTE, F. B. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *LIAMES*, Campinas, n. 5, 2005.
- DOWTY, D. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, Vol. 67, n.3, p. 547-619, set. 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/415037>>. Acesso em: 26/11/2013.

FREITAS, M. Luisa de A. *O sistema de caso em Guaraní Mbyá*. 2007. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br](http://www.lettras.ufmg.br)>. Acesso em: 10.12.2014.

JELINEK, E. Empty categories, case and configurationality. *Natural language and linguistic theory*, 2.1, p. 39-76, 1984.

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and the unaccusativity hypothesis. *Proceedings of the fourth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 4, 1978. p.157-189.

PRAÇA, Walkiria N. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

QUEIXALÓS, Francesc. Le sufixe référentiant em émérillon. In: QUEIXALÓS, F. (Org.) Noms et verbs em tupi-guarani: état de la question. *Studies in Native American Languages*, n.37, Munich: LinconEuropa, p. 117-132, 2001.

\_\_\_\_\_. Posse em Katukína e valência nos nomes. In: RODRIGUES, A.; CABRAL, A. (Org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. p.177-202, 2005.

\_\_\_\_\_. The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani. In: LOIS, X.; VAPNARSK, V. (Org.). *Root classes and lexical categories in Amerindian languages*. Vienne: Peter Lang, p. 249-287, 2006.

\_\_\_\_\_. Grammatical Relations in Katukina-Kanamari. In : GILDEA, S.; QUEIXALÓS, F. (Org.). *Ergativity in Amazonia*. Amsterdam: John Benjamins, p. 235-284, 2010.

\_\_\_\_\_. *L'ergativité est-elle un oiseau bleu?* Munich: Lincom, LSLT 26, 2013.

RODRIGUES, A. D. *Argumento e predicado em Tupinambá*. Boletim da ABRALIN, n.19. 1996. p. 57-66. Disponível em <[http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1996-argumento/rodrigues\\_1996\\_argumento.pdf](http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1996-argumento/rodrigues_1996_argumento.pdf)>. Acesso em 30 nov 2013.

\_\_\_\_\_. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: QUEIXALÓS (Org.). *Dês nom set dès verbes em tupi-guarani*. Muenchen: Lincom Europa, p. 103-114, 2001.

\_\_\_\_\_. Estrutura do Tupinambá. In: CABRAL, A. S. A. C. C.; RODRIGUES, A. D.; BONFIM, F. B. D. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, Vol. 2, p.11-42, 2010.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo, Imprensa Oficial, 2000.

SOUSA FILHO, Sinval Martins. Padrões de alinhamento morfossintáticos em Akwê-Xerente (Jê). *LIAMES*, Campinas, n.11, p. 115-128, 2011.

VIEIRA, M. D. A busca por diagnósticos para identificar Verbos Inacusativos e Inergativos em Guarani. *Revista FSA*, Teresina, v.10, n.1, art.11, p. 187-210, Jan./Mar. 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da ABRALIN* n. 19, p. 57-66, 1996.

**MARINA MARIA SILVA MAGALHÃES**

Universidade de Brasília; Brasília-DF, Brasil; CEP: 70910-900. E-mail: marinamsmag@gmail.com.

**ANA CRISTINA RODRIGUES DE MATTOS**

Universidade de Brasília; Brasília-DF, Brasil; CEP: 70910-900. E-mail: acrmattos@gmail.com.